

QUINCAS BORBA: ROMANCE DA MODERNIZAÇÃO TARDIA

CORDEIRO, Rogério. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022, 228p.

Recebido em 03/10/2025

Aprovado em 22/01/2026

DOI: 10.69585/2595-6892.2026.1340

A trama econômica em Machado de Assis

O livro de Rogério Cordeiro (2022), *Quincas Borba: romance da modernização tardia*, trata, num nível novo de compreensão teórica, a problemática da economia política em Machado de Assis, abordando especialmente (mas não apenas) seu segundo romance da fase madura. O tema não é novo na crítica, que conta com o seminal *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, de Raymundo Faoro (2022), no qual a questão é desdobrada a partir da contraposição entre o estamento e a ascensão conciliada de classes burguesas, tratando, a partir de sua chave de interpretação do Brasil, uma oposição de classe que, salvo erro meu, foi primeiro diagnosticada por Astrogildo Pereira (2022) no livro *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Se em Astrogildo temos o insight do problema, em Faoro encontramos uma descrição extensiva da obra de Machado a partir do posicionamento econômico de seus personagens, operando com cortes transversais que, se não acabam por finalizar uma interpretação de obras específicas, termina por oferecer uma visão ainda poderosa do conjunto da obra machadiana. Faoro dá atenção detida ao problema propriamente econômico que Astrogildo trata de maneira superficial, interessado mais nas contraposições de classe em sentido cultural e ideológico. O estudo de Roberto Schwarz (2012) introduziu a noção de *forma artística no debate*, alterando o nível de exigência nos quais Faoro e Astrogildo operavam.

FILIPE DE FREITAS GONÇALVES

Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Email: freitas.goncalves@ufrgs.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2808-0746>

O livro de Rogério Cordeiro retoma a discussão propriamente econômica, mas opera teoricamente dentro do campo aberto nos estudos machadianos por Schwarz. Se é essa sua posição relativa no interior do ambiente crítico, um de seus maiores feitos é o de não ter repetido o argumento do crítico paulista. Pelo contrário, o estudo do professor Cordeiro parte do princípio de que o romance a ser analisado tem como matéria, diferentemente do *Brás Cubas* analisado por Schwarz, o processo de desenvolvimento da economia capitalista em ambiente periférico. Nas palavras do autor, trata-se de “(...) analisar pelo prisma do romance os transtornos inerentes à inserção do país na corrente de modernização capitalista que se espalhou na segunda metade do século XIX me valendo de pormenores densos e significativos” (p. 13). Os “pormenores” são então sumariados e servem como resumo de seu argumento, detalhadamente desenvolvido nos capítulos seguintes:

(...) o cão Quincas Borba (alegoria do capital preso a ditames regressivos de valoração), a ética de Palha (alegoria da racionalidade da economia de concorrência), a solidão de Sofia (alegoria do sujeito alienado sob domínio do fetichismo), a loucura de Rubião (alegoria de impasses reais que expõem o revés brasileiro) e o humanismo (alegoria do sistema global de circulação de mercadorias e ideias)” (p. 13).

A citação deixa clara a vinculação teórica do autor ao marxismo na interpretação dos fenômenos econômicos, mas revela também a chave formal que passará a utilizar na interpretação do fenômeno no interior da obra de Machado, tomada como objeto artístico e não confundida com outra forma discursiva qualquer: a alegoria. Reconhecidamente um problema teórico de grandes proporções, a alegoria será tratada não pela retomada erudita do debate histórico, mas pela retomada de seu uso, na obra de Machado, conjugado ao tratamento de questões econômicas. A escolha é acertada e produz o longo primeiro capítulo, “O historicismo do método literário”, em que o autor, no lugar da dispersão teórica muita vez improdutiva, procura traçar o percurso do uso de alegorias para tratar problemas econômicos na obra objeto de seu trabalho. Dito de maneira simples, Rogério Cordeiro encontra na articulação entre alegoria e economia política um método (não

científico, mas estético) que Machado desenvolve ao longo de sua carreira para figurar artisticamente as contradições da vida brasileira encaradas como “totalidade estruturada” (p. 24).

A análise começa por mostrar que Rubião e Palha representam polos opostos em relação à vida econômica: enquanto o ex-professor de Barbacena é o representante de uma mentalidade desvinculada das dinâmicas modernas do capitalismo, Palha é a encarnação da lógica capitalista que surfa na crise de 1864. Enquanto Rubião esbanja sua fortuna em empreendimentos que não lhe rendem a valorização do capital, Palha é o banqueiro esperto que faz o exato contrário. Visto dessa forma, o romance poderia ser lido como a história da ascensão de formas modernas de encarar a vida econômica em detrimento da decadência de formas pré-capitalistas. Se, de fato, isso é parte do entrecabo, Rogério Cordeiro dá um passo além e observa que o *modo de instalação entre nós das dinâmicas capitalistas passa pelo tratamento do capital (alegorizado pelo cão) por uma disciplina não-capitalista*: trata-se de uma “(...) ausência de disciplina, agastando o capital numa farra de consumo e aparências para os quais a necessidade de valorização não existe” (p. 84). Ou seja, a aplicação capitalista do dinheiro em Palha pressupõe o modo não-capitalista da aplicação do dinheiro em Rubião, o que desautoriza o polo moderno de que Palha é o representante. O banqueiro passa a figurar, portanto, como alguém que dá “(...) vida à estratégia das elites monetárias de repor o atraso, saturando o setor comercial em detrimento da macro conversão econômica, que, em termos capitalistas, significa substituir a primazia da exportação de primários em favor da construção de um parque industrial diversificado e integrado” (p. 76). Trata-se da reposição do atraso brasileiro em sua manifestação econômica, figurado agora não pelos termos do próprio atraso (como era o caso do Brás Cubas), mas da modernidade instalada ou em estado de instalação. Nesse processo, nos diz o autor, “(...) os mecanismos de superação histórica são abortados por dentro” (p. 117), ou seja, figuram como a consolidação de uma modernidade não-capitalista, ora porque está eivada do comportamento antivalorização do capital de Rubião, ora porque está realizada na forma inefetiva (porque

não produtiva) de Palha. Para usar uma fórmula que o autor introduz depois, trata-se de representar uma “(...) burguesia sem capitalismo” (p. 144).

Sofia será lida como uma alegoria do fetiche, resultado da sociedade capitalista importado junto das dinâmicas burguesas. Nesse ponto, a análise que faz o autor da cena em que mulher e marido discutem a possibilidade de jogar com o amor de Rubião pela companheira do amigo é fundamental, porque revela, a um só tempo, a dinâmica real do processo de alienação dos sujeitos e as soluções ideológicas que eles encontram para si como forma de mascarar esse processo que, objetivamente, está em curso. Nessa dinâmica, a subjetividade dos sujeitos históricos aparece cindida pela sociedade da mercadoria: “(...) quanto mais Sofia procura se afirmar como sujeito, mais ela se torna objeto de si mesma, porque os parâmetros que balizam suas iniciativas de ação e que realimentam sua consciência sobre elas determinam limites de compreensão”, diz o autor para, logo na sequência, concluir: “Esse é um dilema que a sociedade moderna despertou e ao mesmo tempo dirimiu, criando fantasmagorias que se confundem com a autoconsciência social do indivíduo” (p. 157).

A loucura de Rubião será interpretada como alegoria que capta os “(...) restos de significação que se despedaçaram pelo caminho” (p. 172) do processo modernizador, que vai da origem rural e humilde do personagem até a sensação de propriedade em seu ápice na corte. Rogério Cordeiro relaciona a crise financeira do Credit Mobilier com os acontecimentos da crise de 1864 no Brasil, dando coerência história ao procedimento de Machado, que aproximava Rubião de Napoleão III, assim como este estaria fixado na figura de seu tio, Napoleão Bonaparte. No conjunto, o delírio do personagem introduzia na dinâmica da prosa literária os processos de financeirização que estavam em curso e que, na interpretação do autor, andam junto do processo de alegorização de obras artísticas. Tanto a forma do romance quanto os jogos intertextuais que o texto coloca em operação ganham em concretude histórica e deixam de ser simples recursos retóricos de composição para se transformarem em disciplina estruturada da obra capaz de

captar as dinâmicas reais, isto é, o caráter de atraso do próprio processo de desenvolvimento econômico moderno.

O último capítulo do livro, dedicado ao Humanitismo, aborda um problema já amplamente tratado pela crítica de uma perspectiva nova, porque procura integrar não apenas a crítica às ideologias que então grassavam no país, como também “(...) o método de acumulação em escala global a partir da lógica da concorrência” (p. 188), ou seja, para além da sátira em relação ao barateamento do pensamento contemporâneo quando chegava ao país por vias tortas para justificar a situação brasileira, o construto machadiano se transforma numa crítica incisiva ao próprio processo global, que, à sua época, passava do modelo concorrencial para o monopolista. É instigante a intuição crítica de que o Humanitismo, embora apareça no *Memórias Póstumas* apenas em seu final, disciplina a exposição da matéria desde o início, o que dá centralidade fundamental ao elo que une os dois primeiros romances maduros do escritor.

No conjunto, o livro apresenta uma interpretação nova do romance e abre caminho para a relação entre economia e literatura, levando os dois termos da conexão a sério. Não se trata de simplesmente perscrutar as representações dos fenômenos econômicos nas obras literárias, nem de procurar de maneira determinista o enquadramento econômico que torna essa ou aquela tendência possíveis. Trata-se de encontrar a forma literária que apreende o movimento real da economia, encarada não como pressuposto ou como tema, mas como matéria mesma da obra artística.

Referências

- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- PEREIRA, Astrogildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, 2012.